

ENSAIO TEÓRICO

Demonstrativos de *kinds*: sobre alguns usos de “aquele/aquela” no português brasileiro

Lovania Roehrig TEIXEIRA 

Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS)



OPEN ACCESS

EDITADO POR

- Raquel Freitag (UFS)

AVALIADO POR

- Luana de Conto (UNESPAR)

- Marcus Vinicius Lunguinho (UnB)

SOBRE OS AUTORES

- Lovania Roehrig Teixeira
Conceptualização, Escrita –
rascunho original e Escrita –
análise e edição.

- Renato Miguel Basso
Conceptualização, Escrita –
rascunho original e Escrita –
análise e edição.

DATAS

- Recebido: 19/10/2021

- Aceito: 03/02/2022

- Publicado: 22/03/2022

COMO CITAR

Teixeira, Lovania Roehrig; Basso,
Renato Miguel. (2021).

Demonstrativos de *kinds* sobre
alguns usos de “aquele/aquela” no
português brasileiro. *Revista da
Abralín*, v. 20, n. 2, p. 1-30, 2021.

Renato Miguel BASSO 

Universidade Federal de São Carlos (UFSCar)

RESUMO

Este artigo tem como objetivo discutir usos de demonstrativos do Português Brasileiro ainda não analisados na literatura, os demonstrativos de *kinds* (DK), da forma “aquele(a) N”. Esses itens se diferenciam dos usos anafóricos e dêiticos dos demonstrativos, além dos usos *No Demonstration*, *No Speaker Intention* (NDNS) (WOLTER, 2006; KING, 2001), indefinidos (WOLTER, 2006; ABBOTT, 2010; PRINCE, 1981;), emotivos (WOLTER, 2006; LAKOFF, 1974) e dêitico-discursivos (ROBERTS, 2002) por se referirem a *kinds*, isto é, a espécies ou a tipos indicados pelo nominal. Desse modo, o que é compartilhado por ambos os interlocutores é um tipo, espécie ou *kind* expresso pelo nominal e não um referente único determinado. Isso resulta do fato de os DKs não preservarem familiaridade no nível dos indivíduos, mas sim no nível dos *kinds*, e por isso podemos considerar DKs como definidos. Além disso, os DKs se referem a *kinds* altos na escala, isto é, a exemplos exemplares de *kinds*. Assim, DKs se referem a *kinds* que (i) não apresentam unicidade e familiaridade no nível dos indivíduos ordinários, e (ii) não se referem a qualquer instanciação do *kind* referido, mas sim a instanciações que, para um dado interlocutor, são exemplares e, por isso, estão posicionadas no alto na escala de bons exemplos do *kind* relevante.

ABSTRACT

This paper aims to discuss uses of demonstratives of Brazilian Portuguese that have not yet been analysed in the literature, the *kind* demonstratives (DK), in the form “aquele(a) N”. These items differ from the anaphoric and deictic uses of demonstratives, and also from *No Demonstration, No Speaker Intention* demonstratives (NDNS), (WOLTER, 2006; KING, 2001), and from its indefinite (WOLTER, 2006; ABBOTT, 2010; PRINCE, 1981;), emotive (WOLTER, 2006; LAKOFF, 1974) and deictic-discursive (ROBERTS, 2002) uses. DKs refer to kinds, that is, they refer to species or types indicated by the nominal. In this way, what is shared by both interlocutors is a species or a kind expressed by the nominal and not a single determined individual. This results from the fact that DKs do not preserve familiarity at the level of individuals, but rather at the level of kinds, and so we can consider DKs as defined expressions. In addition, DKs refer to kinds in the top of a scale, that is, exemplary examples of kinds. Thus, DKs refer to types that (i) do not have uniqueness and familiarity at the level of the ordinary individuals, and (ii) do not refer to any instantiation of the referred type, but rather to instantiations that, for a given interlocutor, are exemplary and, therefore, they are ranked high on the scale of good examples of the relevant kind.

PALAVRAS-CHAVE

Demonstrativos. *Kinds*. Semântica. Pragmática. Situações.

KEYWORDS

Demonstratives. *Kinds*. Semantics. Pragmatics. Situations.

Introdução

O objetivo deste artigo é apresentar uma descrição e uma análise de um uso particular do demonstrativo “aquele(s)/aquela(s)” no português brasileiro (PB) que, à primeira vista, não se conforma a uma análise tradicional de demonstrativos ou de expressões definidas. Tal uso é exemplificado pelas sentenças abaixo:

- (1) Que falta que faz **aquela chuvinha gostosa** do fim de tarde...
- (2) Tô com vontade de comer **aquela comida caseira**.
- (3) Hoje, depois de chegar do trabalho, vou dar **aquela dormida!**

Em termos gerais, fala-se em demonstrativos dêiticos, ou uso dêiticos de demonstrativos, quando eles vêm acompanhados por algum elemento extralinguístico, como um apontamento ou qualquer outro gesto físico, para que seu valor semântico seja determinado via referência a um elemento extralinguístico, presente no contexto de fala. Por exemplo, se estivermos em um concerto, sem que se utilize um apontamento ou indicação, não é possível determinar o referente da descrição demonstrativa “aquela pessoa”. Em usos anafóricos, demonstrativos são empregados para retomar alguma entidade já mencionada anteriormente, como em: “Eu já tive **uma bicicleta de corrida**¹, e **aquela**; sim era uma bicicleta leve”, em que “aquela” retoma “uma bicicleta de corrida”.

Porém, como os exemplos acima atestam, não parece que estamos diante de um uso dêitico ou anafórico de “aquele(a) N”. Tomemos o exemplo abaixo:

(4) A: Sabe **aquele lugar sossegado** para conversar?

B: Sim!

A: Conheço um barzinho perfeito no centro.

Em (4), “aquele lugar sossegado” não tem um uso dêitico – não há entidade relevante no contexto e não há apontamento que acompanha a expressão – e não se caracteriza como uso anafórico, pois não há antecedente linguístico para a descrição demonstrativa, e também não há uma única entidade que ambos os falantes consideram como o referente de “aquele lugar sossegado”. Na verdade, essa é a primeira menção do referente e ela é feita por meio de uma descrição demonstrativa, aspecto bastante incomum quando se trata de termos singulares como os demonstrativos.

De fato, os casos vistos acima, inclusive, levam a questionar se os demonstrativos estão sendo usados como definidos, se respeitam a unicidade associada a definidos, ou se estamos diante de usos mais próximos aos de termos indefinidos. Para tentar responder essas e outras questões, organizamos este artigo da seguinte maneira: na primeira seção, apresentamos uma descrição detalhada das interpretações possíveis e da distribuição desse tipo de estrutura; na segunda, expomos algumas possibilidades de análise para demonstrativos encontradas na literatura, que os tratam como termos referenciais, como quantificadores ou como determinantes definidos. Na seção três, apresentamos nossa proposta de análise, e na Conclusão retomamos o caminho percorrido e mencionamos alguns dos problemas em aberto.

1. Sabe aquela interpretação que só “aquele” tem? Então...

Nesta seção, discutimos alguns casos de demonstrativos do PB que colocam dificuldades para uma classificação baseada somente em dois “rótulos”: demonstrativos dêiticos e demonstrativos anafóricos; chamaremos esses casos de usos de demonstrativos do PB de “demonstrativos de *kinds*” (DKs). Nosso objetivo é apontar algumas de suas características que retomaremos em nossa análise na seção 3.

¹ O índice ‘i’ indica que ambas as expressões fazem referência ao mesmo objeto/indivíduo naquele mundo.

Os exemplos abaixo envolvem a estrutura “aquele(a) N”, em que N pode ser um nome ou uma expressão nominal complexa:

- (5) Agora é hora de dar [aquela [alongada para terminar o treino]]².
- (6) O João de novo deu [aquele [showzinho sem graça]].
- (7) Eu tô precisando tomar [aquele [suco gelado]] pra refrescar!
- (8) Nessa época do ano costuma fazer [aquele [calor de secar mamona]].

Notamos, em primeiro lugar, que a substituição por outro determinante resulta ou em sentenças mal-formadas ou com interpretações diferentes. Começamos com a substituição de “aquele(a)” por “esse(a)”:

- (5a) Agora é hora de dar [essa [alongada para terminar o treino]].
- (6a) O João de novo deu [esse [showzinho sem graça]].
- (7a) Eu tô precisando tomar [esse [suco gelado]] pra refrescar!
- (8a) Nessa época do ano costuma fazer [esse [calor de secar mamona]].

Observa-se que para os casos de (5a) a (8a) a interpretação disponível é dêitica em alguns casos – em (7a), o falante deve estar apontando para o suco em questão e em (8a), há também uma referência dêitica para o calor que o falante está sentindo – e anafórica em outros – em (5a), há um “alongamento” em particular sendo retomado e em (6a), fala-se de um “showzinho sem graça” que o João costuma dar. Tanto a interpretação dêitica quanto a anafórica garantem a unicidade do referente, ou seja, há uma única entidade sobre a qual se fala, pressuposta no fundo conversacional e acomodada quando o falante profere a expressão, por exemplo, (5a) ou (6a).

Porém, a interpretação a ser dada às estruturas relevantes de (5) a (8) não envolve dêixis, pois não há nada a ser apontado ou indicado no contexto do proferimento, e também não se trata de casos de anáfora, pois não se retoma alguma entidade identificável e única do contexto. Em outras palavras, para os casos de (5) a (8) não há nada sendo apontado e nada único sendo recuperado de modo compartilhado do contexto, ou seja, os falantes podem ter sucos diferentes em mente para o caso de (7), alongamentos diferentes para o caso de (5) e assim por diante.

Essa diferença entre haver ou não um referente único sendo retomado fica ainda mais clara ao substituímos “aquele(a)” por “a(o)”, como nos exemplos a seguir:

- (5b) Agora é hora de dar [a [alongada para terminar o treino]].
- (6b) O João de novo deu [o [showzinho sem graça]].

² Dado o uso bastante regular e comum da construção “aquele(a) N”, acreditamos ser possível, conforme nos indica o parecerista Marcus Vinicius Lunguinho, que ela esteja passando por um processo de gramaticalização, isto é, o uso do demonstrativo como *kind* pode ser resultado “[...] de processos de regularização do uso da língua [...] passando a exercer pressão suficiente para fazer com que o que no começo era casuístico se fixe [...], entrando na gramática (gramaticalização)” (CUNHA, COSTA, CEZARIO, 2015, p. 42). Apesar de essa ser uma discussão importante, não a faremos aqui por razões de espaço e de escopo, reservando-a para trabalhos futuros.

(7b) Eu tô precisando tomar [o [suco gelado]] pra refrescar!

(8b) ? Nessa época do ano costuma fazer [o [calor de secar mamona]].

As sentenças (5b) a (7b) só tem a interpretação anafórica e a definida esperada, ou seja, retomam entidades que os participantes identificam como única (mesmo que como o resultado de alguma acomodação de pressuposição). Para o caso de (5b), há um alongamento específico; para (6b), trata-se de um mesmo show³; e para (7b), a única interpretação possível é que há um suco gelado específico sobre o qual se fala. Por sua vez, a sentença (8b) é estranha justamente porque não associamos “calor de secar mamona” a uma única entidade específica e recuperável do contexto⁴.

Os exemplos abaixo apresentam a mesma estrutura, mas agora com um artigo indefinido no lugar de “aquele(a)”:

(5c) Agora é hora de dar [uma [alongada para terminar o treino]].

(6c) O João de novo deu [um [showzinho sem graça]].

(7c) Eu tô precisando tomar [um [suco gelado]] pra refrescar!

(8c) Nessa época do ano costuma fazer [um [calor de secar mamona]].

É interessante notar que essas sentenças são todas aceitáveis e são as que mais se assemelham aos casos com “aquele(a)”, o que nos leva a pensar que DKs são casos particulares de indefinidos e não de definidos⁵. Nessa mesma linha, é interessante notar o contraste observado entre DKs e expressões com indefinidos nos casos abaixo – (5d) a (8d) *versus* (5e) a (8e).

(5d) Agora é hora de dar [aquela [alongada para terminar o treino]].

- Legal! # Qual alongada?

(6d) O João de novo deu [aquele [showzinho sem graça]].

- Vixe! # Qual showzinho?

(7d) Eu tô precisando tomar [aquele [suco gelado]] pra refrescar!

Boa! # Qual suco gelado?

(8d) Nessa época do ano costuma fazer [aquele [calor de secar mamona]].

Sério? # Quantos graus?

³ Para o exemplo (6) e suas variantes, a interpretação relevante é aquela que tem a ver com um comportamento do João e não com um show (como uma apresentação roteirizada, por exemplo) que ele protagoniza. Contudo, para (6b) é somente a interpretação de show roteirizado que sobrevive.

⁴ Se os participantes da conversa tiverem no fundo conversacional algo que conte como “calor de secar mamona”, por exemplo, 44 graus Celsius, ou mesmo uma sensação de calor compartilhada como descrita por “calor de secar mamona”, então (8b) é plenamente aceitável.

⁵ As sentenças de (5c) a (8c) são as que mais se assemelham, em termos de interpretação, à construção sob investigação “aquele(a) N”. Mas é importante notar que não há a mesma leitura, pois, na verdade, “aquele(a)” traz consigo uma escala em que o nominal se refere a uma posição mais alta nessa escala, por exemplo, “uma das alongadas das mais caprichadas”, “o show dos mais sem graça”, “o melhor suco gelado em que posso pensar” etc., aspecto não acontece com o indefinido. Retomaremos esse aspecto na seção 3.

- (5e) Agora é hora de dar [uma [alongada para terminar o treino]].
- Legal! Qual alongada?
- (6e) O João de novo deu [um [showzinho sem graça]].
- Vixe! Qual showzinho?
- (7e) Eu tô precisando tomar [um [suco gelado]] pra refrescar!
Boa! Qual suco gelado?
- (8e) Nessa época do ano costuma fazer [um [calor de secar mamona]].
Sério? Quantos graus?

Note que, quando se exige mais informação sobre a identidade do referente por meio de perguntas, o resultado é que para os DKs a solicitação de informação é inadequada ao contexto e para as expressões com indefinidos a solicitação é adequada. Conforme argumentaremos com mais detalhes adiante, a inadequação da pergunta para os DKs decorre do fato de eles não se referirem a indivíduos específicos/particulares e sim a *kinds*, porém, dado que a pergunta de esclarecimento é sobre indivíduo particulares, o resultado é estranho; por sua vez, a adequação das perguntas aos exemplos com os indefinidos “um” e “uma” ocorre porque eles se referem a indivíduos particulares ainda não-especificados, i.e., são necessárias informações adicionais para a determinação do referente.

Outro ponto a ser ressaltado é que os DKs podem aparecer no escopo do verbo epistêmico “saber”⁶, como já vimos no exemplo (4), no título desta seção e como atestam os exemplos abaixo:

(9) Sabe **aquela saia justa** durante a viagem? O negócio é ter jogo de cintura e manter o bom-humor. O resto vira história pra contar.

(10) Sabe **aquela dor nas costas** que não te deixa em paz? A quiropraxia pode te ajudar⁷.

(11) Sabe **aquela dor** de perder? Sim, dor de perder. É sentir aquele aperto no coração, sentir as borboletas morrendo no seu estômago⁸.

(12) A: **Sabe aquele posto de beira de estrada?**

B: Claro!

A: Então, foi num desses que abasteci⁹.

⁶ É possível encontrarmos casos de DKs com o demonstrativo “aquilo” sucedendo o operador epistêmico como em: “[Sabe **aquilo**] [que você não quer contar pra ninguém nunca]?”. No entanto, esse tipo de construção exige uma oração relativa sucedendo o demonstrativo pelo fato de “aquilo” não poder vir acompanhado de um NP. Devido a essas particularidades, não discutiremos esses casos neste artigo, deixando-os para pesquisas futuras, mas é provável que nossas considerações possam ser aplicadas também aos de “aquilo” nessas situações.

⁷ Adaptado de: <https://pt-br.facebook.com/quiropriaxiarecife/videos/sabe-aquela-dor-nas-costas-eou-nas-articula%C3%A7%C3%B5es-em-geral-que-n%C3%A3o-te-deixa-em-paz/1288031987929403/>. Acesso em: 11 ago. 2020.

⁸ Fonte: <https://www.pensador.com/frase/NzM2ODQ5/>. Acesso em: 11 ago. 2020.

⁹ Agradecemos à parecerista Luana de Conto por sugerir esse exemplo e indicar a infelicidade do diálogo abaixo, em que fica claro que o nominal nu também resulta num estranhamento para uma leitura não-genérica/específica:

Mais uma vez, nessas sentenças, as descrições demonstrativas não podem ser anafóricas e, além disso, não podem ser dêiticas, visto que não há aspectos extralinguísticos do contexto de proferimento que sejam necessários para atribuir um valor semântico às expressões. Desse modo, essas construções introduzem referentes, e não são anafóricas nem dêiticas.

Antes de nos aprofundarmos sobre a semântica dessas construções com o verbo “saber”, vamos analisá-las comparando-as aos outros determinantes do PB, como fizemos com (5)-(8), acima. De modo geral, a nossa proposta é que DKs (i) não são dêiticos nem anafóricos e (ii) não recebem a mesma interpretação que “sabe esse(a) N” e “sabe o(a) N”.

Em (12), se substituirmos “aquele” por “esse” (12a) ou “o” (12b) teremos:

(12a) A: ?? **Sabe esse posto de beira de estrada?**

B: Claro!

A: Então, foi lá que abasteci.

Aqui, a presença do demonstrativo “esse” torna a sentença infeliz no contexto¹⁰. Esse proferimento só é aceitável com uma interpretação dêitica em que o falante estaria apontando para o posto (presencialmente ou num mapa).

(12b) A: ?? **Sabe o posto de beira de estrada?**

B: Claro!

A: ??Então, foi lá que abasteci.

Com uma descrição definida ocupando o lugar do determinante “aquele”, novamente, a sentença é infeliz. A única interpretação disponível com a descrição definida é a referencial em que há um referente particular determinado, “o posto do Ze”, por exemplo.

Agora vamos substituir, na forma “sabe aquele(a) N”, o determinante demonstrativo “aquele(a)” pelos determinantes “esse(a)” e “o (a)” em (9a) em (9b), respectivamente.

(9a) ?? Sabe **essa saia justa** durante a viagem? O negócio é ter jogo de cintura e manter o bom-humor. O resto vira história pra contar.

(A) Sabe **posto de beira de estrada?**

(B) Claro!

(A) # Então, foi lá que abasteci.

¹⁰ Contraste os seguintes diálogos:

(i) A: Sabe aquele posto de beira de estrada? / B: Claro! Toda a cidade tem um!

(ii) A: Sabe esse posto de beira de estrada? / B: # Claro! Toda a cidade tem um!

Com (i), falamos do *kind* “posto de beira de estrada”, que pode ter diferentes instanciações, mas em (ii) falamos de um posto de beira de estrada específico, e por isso a continuação em (ii) B é estranha.

Assim como ocorre com o caso em (12a), (9a) torna-se inadequada para o contexto. A única interpretação possível é a dêitica em que o falante estaria apontando para a situação de “saia justa” referida, como numa imagem, por exemplo.

(9b) ?? Sabe **a saia justa** durante a viagem? O negócio é ter jogo de cintura e manter o bom-humor. O resto vira história pra contar.

Com um determinante definido ocupando o lugar de “aquela”, a sentença também é infeliz para o contexto de proferimento e a única interpretação disponível com a descrição definida, assim como para o caso em (12b), é a referencial em que há um referente particular determinado para o nominal “saia justa”. Assim, ocorre uma leitura em que há uma única situação de saia justa determinada tanto para o falante quanto para o ouvinte.

É interessante ainda notar que, quando no escopo do verbo “saber”, DKs não podem ser substituídos por indefinidos, como é possível para os casos (5c) - (8c):

(9c) ?? Sabe **uma saia justa** durante a viagem? O negócio é ter jogo de cintura e manter o bom-humor. O resto vira história pra contar.

(12c) A: ?? **Sabe um posto de beira de estrada?**

B: Claro!

A: ?? Então, foi lá que abasteci.

Como podemos ver, DKs têm uma interpretação particular, que os aproxima de indefinidos em alguns casos, mas não em todos, como os exemplos com “saber” evidenciam. Nesses casos, a indefinição do referente do nominal gerada por “um(a)” produz uma leitura de que o referente é desconhecido/não-identificável por ambos, falante e ouvinte do proferimento. Aparentemente, por isso, o uso do operador epistêmico “saber” gera uma sentença infeliz quando o combinamos com “um(a)”. No caso de expressões com “aquele(a)” há um nível maior de definitude do referente, indicando que há algum conhecimento compartilhado entre os indivíduos do proferimento, o que permite que esses itens fiquem sob o escopo do operador epistêmico. Esse é mais um aspecto ao qual retomaremos na seção 3.

Na seção seguinte, apresentaremos algumas possibilidades de uso de demonstrativos, e suas respectivas análises, que não são casos de dêixis e anáfora tradicionais, e que podem lançar luz sobre os DKs.

2. Demonstrativos: possibilidades de análise encontradas na literatura

Os demonstrativos e as descrições demonstrativas estão sempre envolvidos nas discussões sobre dêixis/indexicais por conta de sua óbvia associação com demonstrações e apontamentos, mas esses mesmos itens também participam de várias relações anafóricas. No que diz respeito aos usos anafóricos,

uma caracterização comum é a seguinte, resumida por Wolter (2006, p. 39), “[...] o referente da descrição anafórica depende de um antecedente linguístico” (tradução nossa)¹¹ como em “**Um homem_i** entrou. **O homem_i** tossiu¹²”. Wolter (2006, p. 73) ainda afirma que em usos anafóricos, em geral, “[...] descrições definidas anafóricas e demonstrativas dependem do contexto do discurso ou da “situação descrita” ao invés do contexto físico do proferimento” (tradução nossa)¹³, o que os diferencia dos usos dêiticos. Abbott (2010, p. 181), por sua vez, expõe dois conceitos amplos de pronomes dêiticos e anafóricos¹⁴ em que a interpretação de itens anafóricos se relaciona à ligação de um termo linguístico a um antecedente, também linguístico, e a interpretação de itens dêiticos está ligada à dependência de um item linguístico a aspectos extralinguísticos do contexto de proferimento.

Levinson (2004, p. 103)¹⁵ e Heim e Kratzer (1998, p. 239-240)¹⁶, no entanto, colocam dúvidas sobre essa distinção aparentemente tão clara entre anáfora e dêixis, que também envolve a análise de demonstrativos. Além disso, há casos de demonstrativos que não se enquadram nessas possibilidades, como: usos NDNS, usos emotivos, usos indefinidos e usos dêitico-discursivos de demonstrativos. Esses usos se aproximam dos exemplos que encontramos no PB, citados na introdução deste artigo, na medida em que também não parecem ser classificados facilmente como anafóricos ou como dêiticos, e veremos cada um deles nas seções a seguir.

¹¹ “[...] the referent of the anaphoric description depends on a linguistic antecedent”.

¹² *A man_i walked in. The man_i coughed* (WOLTER, 2006, p. 39). Ressaltamos que o índice “i” indica que as duas ocorrências de “man” fazem referência ao mesmo indivíduo num dado mundo possível.

¹³ “[...] anaphoric definite and demonstrative descriptions depend on the discourse context or the “described situation” rather than on the physical surroundings of the utterance”.

¹⁴ “[...] third-person pronouns (she, they, and so forth), for example, would be considered deictic only when they are used to refer to something in the utterance context, as in (1a) below. (1b) and (1c) illustrate possible anaphoric uses, when the interpretation of a pronoun (or other NP) is linked to another linguistic expression (something in the text-internal world)—its antecedent. (1) a. He [pointing] is late! b. Julia said that she would be there. c. No man wants to admit his failure.” (ABBOTT, 2010, p. 181).

¹⁵ “[...] anaphora [...] is so closely linked to deixis that it is not always separable, as in *I’ve been living in San Francisco for five years and I love it here* (where *here* is both anaphoric and deictic), bridged by the intermediate area of textual deixis (as in *Harry said “I didn’t do that” but he said it in a funny way*, where it does not refer to the proposition expressed but to Harry’s utterance itself).” (LEVINSON, 2004, p. 103). Levinson (2004, p. 107), em relação aos demonstrativos, afirma ainda que sua análise é ainda mais complicada se comparada a outros itens como os dêiticos não-demonstrativos: “hoje”, “eu”, etc.

¹⁶ Heim e Kratzer (1998, p. 239) apontam que um demonstrativo também é considerado dêitico se o referente pretendido estiver suficientemente saliente no contexto de proferimento, mesmo se não estiver acompanhado por um tipo de apontamento físico. As autoras ainda ressaltam que uma separação entre usos dêiticos e anafóricos pode não ser adequada para uma teoria linguística e que se têm defendido que certo subconjunto de usos anafóricos não difere, de um modo teoricamente relevante, dos usos dêiticos, pois “[...] anaphora may often be viewed as reference to a contextually salient individual as well. It seems to differ from deixis only insofar as the cause of the referent’s salience is concerned” (HEIM; KRATZER, 1998, p. 240).

2.1 Usos NDNS (*no demonstration, no speaker intention*)

O primeiro caso de uso de demonstrativo que desafia classificações tradicionais é chamado de “no demonstration, no speaker intention” (NDNS)¹⁷, e foi discutido explicitamente pela primeira vez em King (2001). Esses usos se caracterizam por serem acompanhados por modificadores pós-nominais (tais como orações relativas e adjuntos), ou, dito de outra forma, por possuírem conteúdo descritivo adicional. Um dos exemplos mais discutidos de uso NDNS é o seguinte:

(13) Aquele/Esse estudante [**que tirou 100 na prova**] é um gênio¹⁸.

Wolter (2006, p. 112) explica que esses usos são mais comuns com núcleos nominais plurais ou massivos, e os exemplos que a autora coloca são os seguintes:

(14) Em que ponto exatamente os fatos se transformam em ficção? O livro foi escrito de forma tão perfeita que talvez nem mesmo **aquelas pessoas [que possuem cópias do relatório Warren]** pudessem dizer com certeza¹⁹.

(15) Os prêmios Nobel não homenageiam necessariamente o melhor ou o pior. Eles honram algumas **daquelas pessoas [que de outra forma nunca ganhariam nada]**²⁰.

(16) A mensagem deste livro é simples: **aqueles chineses [com sonhos grandiosos]** devem se concentrar primeiro no que é essencial²¹.

No exemplo (14), adaptado de King (2001), conforme afirma Teixeira (2017, p.76), há duas leituras possíveis a depender de uma pequena alteração no contexto. Por exemplo:

(i) **Leitura referencial não-específica**: se dois professores estão olhando algumas provas difíceis e não identificadas e, de repente, um deles se depara com uma prova com a nota 100. Em (14), a descrição denota um referente semanticamente único (tem a condição de unicidade respeitada), mas tal referente não pode ser identificado; há indeterminação.

¹⁷ Em Teixeira (2017), esses usos são denominados “usos descritivos W” para que eles não sejam confundidos com os usos descritivos analisados por Nunberg (1993, 2004) e Elbourne (2005, 2008).

¹⁸ **That student [who scored one hundred on the exam]** is a genius (KING, 2001, p. 3).

¹⁹ At what point exactly does fact drift over into fiction? The book is so seamlessly written that perhaps not even **those people [who own upstairs and downstairs copies of the Warren report]** could say for certain.

²⁰ The Ig Nobel Prizes don't honor necessarily the best or the worst. They honor some of **those people [who otherwise would never get anything]**.

²¹ This book's message is simple: **those Chinese [with lofty dreams]** should focus on the nitty-gritty first.

(ii) **Leitura não-referencial genérica**: dois professores observam as questões de uma prova de matemática extremamente difícil. Depois de ver que é quase impossível acertar todas as questões, um deles poderia proferir (14). Nesse caso, não se sabe se alguém tirou cem na prova, e se foi um aluno só.

Nos exemplos de (15) a (16), observa-se que não há um referente particular determinado e as leituras das descrições demonstrativas se aproximam da leitura do exemplo de King (2001) exposta em (ii), acima.

De modo geral, Wolter (2006) e King (2001) afirmam que esses usos dos demonstrativos não são nem anafóricos, nem dêiticos. Segundo Wolter (2006, p. 113),

[a] interpretação dos demonstrativos não-dêiticos e não-anafóricos é surpreendentemente similar ao uso atributivo das descrições definidas. Assim como descrições definidas atributivas, a especial construção demonstrativa pode ser parafraseada com uma relativa livre contendo – *qualquer* [como (17) abaixo], e é compatível com a apositiva *quem quer que seja* (tradução nossa).²²

Como se vê, os usos NDNS parecem ser similares aos usos atributivos das descrições definidas e, similarmente a eles, uma sentença com uso NDNS dos demonstrativos pode ser parafraseada com uma oração relativa contendo “quem quer que seja”:

(17) Quem quer que seja que tirou 100 no exame, é um gênio.

Em relação ao PB, podemos afirmar que os usos NDNS existem²³ e, neles, o demonstrativo “aquele” parece ocorrer com mais frequência, se comparado ao uso de “esse”. No entanto, tais usos não parecem ser os casos de DK que nos interessam, considere a seguinte sentença:

(18) Com os tomates que colhi, vou fazer **aquele molho** para o macarrão!

Os usos NDNS são caracterizados por virem acompanhados por adjuntos ou orações relativas que são cruciais para a determinação do referente do demonstrativo, o que não ocorre em (18). Fundamentalmente, (18) não pode ser parafraseada como uma interpretação atributiva do DK, ou seja, (19) não é uma paráfrase adequada da interpretação de (18), o que mostra que, de fato, DKs não são casos de NDNS:

(19) Com os tomates que colhi, vou fazer **qualquer molho que seja** para o macarrão!

Passemos agora ao que Wolter (2006) chama de “usos emotivos”.

²² [t]he interpretation of non-deictic non-anaphoric demonstratives is strikingly similar to the attributive use of definite descriptions. Like attributive definite descriptions, the special demonstrative construction can be paraphrased with a free relative containing – ever [como (17) abaixo], and is compatible with the appositive *whoever he is*.

²³ Basso e Vogt (2013) discutem alguns desses casos para o PB.

2.2 Usos emotivos

Wolter (2006) caracterizou os usos emotivos como segue:

Descrições demonstrativas com uma leitura emotiva, diferentemente de descrições demonstrativas comuns, são compatíveis com conteúdo descritivo semanticamente único, e até mesmo com conteúdo descritivo constituído de um nome próprio, como mostrado abaixo:

(48) **Aquela mãe do John** é uma mulher e tanto!

(49) **Aquela Mary Smith** é uma mulher e tanto! (WOLTER, 2006, p. 8, tradução nossa).²⁴

Esses usos dos demonstrativos do inglês também já haviam sido investigados brevemente por Lakoff (1974), que os definiu como uma expressão de solidariedade entre os participantes do discurso.

Wolter (2006, p. 81) compara duas sentenças e aponta que a sentença (20), abaixo, se diferencia de (21) porque a primeira carrega um tom emotivo, ou seja, (20) pode ter sido usada por uma enfermeira simpática enquanto (21) é neutra, e, como as traduções sugerem, podemos encontrar os mesmos efeitos em PB com o demonstrativo “esse”, mas não com “aquele”.

(20) How is **that nose of yours**?

Como vai **esse/*aquele seu nariz**?

(21) How is **your nose**?

Como vai **seu nariz**?

De acordo com Wolter (2006) os demonstrativos emotivos têm um comportamento particular, pois seu conteúdo se refere a um indivíduo específico e ainda eles podem acompanhar um nome próprio como ocorre em “**That Henry Kissinger** is a real jerk!” (**Aquela Henry Kissinger** é um verdadeiro idiota). Wolter (2006) sugere que, na sentença anterior, o falante indica um sentimento negativo em relação a Henry Kissinger, e a emoção em relação a *nose* na sentença (20), “How is **that nose of yours**?”, apesar de não ser fácil de determinar precisamente, é positiva. Wolter (2006) analisa esses casos nos seguintes moldes:

No uso emotivo, os participantes do discurso compartilham algum conhecimento ou emoção relevante sobre o referente do demonstrativo. Como resultado, quando os participantes do discurso não compartilham a emoção ou os conhecimentos necessários, o uso do demonstrativo emotivo falha. Quando é de conhecimento público que um dos participantes do discurso não está familiarizado com o referente do demonstrativo emotivo, o uso emotivo é inaceitável:

R: Quem é John Smith?

²⁴ Demonstrative descriptions with an emotive reading, unlike ordinary demonstrative descriptions, are compatible with semantically unique descriptive content, and even with descriptive content consisting of a proper name, as shown below:

(48) That mother of John is quite a woman!

(49) That Mary Smith is quite a woman! (WOLTER, 2006, p. 81).

B: #**Esse John Smith** é um cara muito legal! (tradução nossa).²⁵

Desse modo, se o falante e o ouvinte do contexto não compartilham algum conhecimento ou emoção sobre o referente indicado pelo demonstrativo, a sentença com um uso emotivo mostra-se inadequada naquele contexto. Logo, nos usos emotivos dos demonstrativos parece ser necessário que os participantes compartilhem a mesma opinião ou a informação abordada sobre o referente.

Em relação ao PB, os usos emotivos de demonstrativos são também possíveis, como nos exemplos a seguir:

(22a) Eu geralmente não gosto de comediantes, mas **aquele Paulo Gustavo**²⁶ me agrada.

(22b) Eu geralmente não gosto de comediantes, mas **esse Paulo Gustavo** me agrada.

(22c) Eu geralmente não gosto de comediantes, mas **o Paulo Gustavo** me agrada.

Observamos, nos casos em (22a), que os demonstrativos “esse” e “aquele” são aceitáveis em usos emotivos. Uma diferença entre as sentenças parece ser o fato de que “aquele”, em (22a), não precisa que o referente do nome próprio esteja saliente no contexto, já com “esse”, em (22b), isso é necessário, por exemplo, por meio de uma foto de Paulo Gustavo numa revista. Em (22c), por sua vez, com um artigo definido, a leitura emotiva não ocorre.

Nas seguintes sentenças (ditas pelo cirurgião plástico ao entrar no quarto do paciente) acontece algo diferente:

(23a) *Como está **aquele nariz**?

(23b) Como está **esse nariz**?

(23c) Como vai **o nariz**?

Em (23a), “aquele” é inadequado para o contexto, gerando uma sentença inaceitável²⁷; já “esse” em (23b) é adequado e gera uma interpretação emotiva, i.e., de empatia para com o nariz recém-operado do paciente. O definido em (23c) também é aceitável, mas não veicula o mesmo tom emotivo do que “esse”.

No entanto, os usos emotivos, que ocorrem no PB também, como vimos com os exemplos acima, não são os usos DK sobre os quais nos debruçamos, considere a sentença em (24) para fins de comparação:

²⁵ What the emotive use does convey is that the discourse participants share some relevant knowledge or emotion about the referent of the demonstrative. As a result, when the discourse participants do not share the requisite emotion or knowledge, the use of the emotive demonstrative breaks down. When it is public knowledge that one of the discourse participants is unfamiliar with the referent of the emotive demonstrative, the emotive use is unacceptable:

A: Who is John Smith?

B: #That John Smith is a really great guy!

²⁶ Ator que interpretava Dona Hermínia no monólogo “Minha mãe é uma peça”.

²⁷ O bloqueio aqui tem a ver com o uso de um demonstrativo distal ao referir-se ao nariz do interlocutor, situação na qual o uso de “esse” é esperado.

(24) Depois dessa viagem, eu preciso tomar **aquele banho**.

Em (24), não há uso emotivo da descrição demonstrativa, pois “aquele banho” não se refere a uma entidade particular determinada, e sim, como argumentaremos adiante, a um protótipo de banhos pós-viagem. Assim, não há “emoção” a ser compartilhada pelo falante e pelo ouvinte (conforme característica apontada por Wolter (2006)) já que, intuitivamente, cada um desses indivíduos atribuirá um referente diferente para a descrição demonstrativa: para um deles pode ser uma ducha quente e demorada, para outro um banho de banheira, e assim por diante. Por essas razões, os DKs não podem ser classificados como usos emotivos.

O próximo uso de demonstrativos que veremos são usos indefinidos, detectados no inglês por Wolter (2006, p.106).

2.3 Usos indefinidos

Os **usos indefinidos** dos demonstrativos, segundo Wolter (2006), os afastam dos rótulos de dêíticos ou de anafóricos e foram descritos primeiramente em Prince (1981). Segundo a autora: “Prince mostra que os sintagmas nominais indefinidos com *this* tem escopo amplo sobre os indefinidos que tendem a ser referidos novamente no discurso subsequente” (tradução nossa)²⁸. Um exemplo de uso indefinido é apresentado a seguir e, segundo Wolter (2006), tais usos são comuns em inglês²⁹:

(25) One time I went to the roof of this project and there's **this big black guy about six seven** on top of the stairs. He had his back to me [...] (PRINCE, 1981)³⁰.

Wolter (2006) explica esses usos indefinidos dos demonstrativos como uma extensão da situação descrita por Fillmore (1997) “[...] em que o falante, mas não o ouvinte, sabe a que se refere o demonstrativo. A característica especial do indefinido *this* é que, em vez de identificar imediatamente o referente, o falante opta por fornecer mais informações sobre ele” (WOLTER, 2006, p. 106-107, tradução nossa).³¹

²⁸ “Prince shows that indefinite-*this* noun phrases are wide-scope indefinites that have a tendency to be referred to again in subsequent discourse”.

²⁹ Diessel (1999, p.139) encontrou outro exemplo de demonstrativo indefinido em Usan, uma das línguas faladas em Papua-Nova Guiné. Mas em Usan, o demonstrativo vem acompanhado por um artigo indefinido nessa função.

³⁰ Uma vez eu fui para o telhado deste projeto e havia esse cara enorme e negro no topo da escada. Ele estava de costas para mim.

³¹ “[...] in which the speaker but not the addressee knows what the demonstrative refers to. The special feature of indefinite *this* is that rather than immediately identifying the referent, the speaker instead chooses to give more information about it” (WOLTER, 2006, p. 106-107).

Abbott (2010, p. 154) afirma, por sua vez, que “[...] **NPs** indefinidos com *this* só podem ser interpretados especificamente” (tradução nossa)³². Considere a sentence (26), abaixo:

(26) Mary had lunch with **this logician**³³.

Segundo Abbott (2010, p. 154): o *this* NP “[...] (com o *this* indefinido, não-demonstrativo e não-anafórico) não tem uma interpretação não específica. E correspondentemente, nem *certain* nem o indefinido *this* podem ocorrer respeitando as condições de felicidade em uma oração imperativa [...]” (tradução nossa)³⁴ como mostrado na comparação das sentenças abaixo (cf. Abbott, p. 154):

(26a) #Get me a **certain** logician!³⁵

(26b) #Get me **this** dishy logician!³⁶

No que diz respeito ao PB, os usos indefinidos dos demonstrativos são possíveis, por exemplo:

(27) Eu fui **nesse médico novo**, preciso te contar tudo! Muito bom!

(28) Vou te apresentar **esse produto que eu conheci ontem**, você vai gostar dele.

Nessas sentenças, as expressões demonstrativas se referem a um indivíduo particular determinado, “esse novo médico” e “esse produto que eu conheci ontem”, e são usados para introduzir um referente, familiar apenas ao falante, no discurso. Trata-se de um aspecto inesperado se considerarmos os processos tradicionais de referência de que participam os demonstrativos.

Todavia, os usos DK não podem ser caracterizados como usos indefinidos dos demonstrativos, porque o demonstrativo não se refere a uma entidade particular determinada que é conhecida inicialmente somente pelo falante e depois passa a ser compartilhada por ambos, falante e ouvinte. Considere a sentença em (29):

(29) Estou louco pra tomar **aquele sorvete cremoso!**

³² “[...] indefinite *this* NPs can only be understood specifically”.

³³ Mary almoçou com esse lógico.

³⁴ “[...] (with the non-demonstrative, non-anaphoric, indefinite *this*) does not have a nonspecific interpretation. And correspondingly, neither *certain* nor the indefinite *this* can occur felicitously in an imperative [...]”

³⁵ Traga-me um certo lógico.

³⁶ Traga-me esse lógico desonesto.

Especificamente, em (29), a descrição demonstrativa não possui um referente particular determinado que poderia ser compartilhado pelos dois atores da interação, pois cada um desses indivíduos (falante e ouvinte) poderá atribuir um referente diferente para a expressão “aquele sorvete cremoso”. Por exemplo, para um deles, poderia ser um sorvete de chocolate, para outro um picolé etc. Esse é um dos aspectos que afasta os DKs da classificação de uso indefinido dos demonstrativos, pois sua função não parece ser a de introduzir um novo referente no discurso.

Na sequência, apresentaremos o último uso dos demonstrativos encontrado na literatura que causa problemas a uma classificação polarizada: os usos dêitico-discursivos apontados em Roberts (2002, 2003).

2.4 Usos dêitico-discursivos

Os **usos dêitico-discursivos** dos demonstrativos foram discutidos em Roberts (2002). Neles, segundo Wolter (2006), “[...] o referente é um constituinte sintático ou semântico introduzido recentemente no próprio texto. O uso discursivo-dêitico é ilustrado em [...] *Esta frase é curta*” (WOLTER, 2006, p.107, tradução nossa).³⁷

A ideia é que nos usos dêitico-discursivos há uma transferência da noção de proximidade do discurso para o texto. Assim, a proximidade pode ser relacionada à ordenação temporal do texto. Desse modo, explica-se o porquê de a expressão “This NP” (Esse(a) NP) referir-se a um constituinte do texto recentemente proferido, por exemplo.

Na verdade, esses usos são bastante comuns na superfície textual no PB também. Entende-se que se trata de uma espécie de uso metalinguístico dos demonstrativos em que eles se referem ao texto dentro do texto (por meio do demonstrativo), à frase dentro da frase, e a interpretação estende metaforicamente a distância espacial, extralinguística, à distância em termos de evocação recente na superfície textual. Por exemplo:

(30) Maria correu até a padaria e ao bar da esquina para comprar água. **Aquela**, estava fechada; **esse**, só tinha refrigerante.

Comparando (30) com o DK “aquele cochilo” em (31), abaixo:

(31) Daria tudo para tirar **aquele cochilo** agora!

Observamos que o DK “aquele cochilo” não é uma instância de uso dêitico-discursivo, pois o demonstrativo “aquele” não faz menção a elementos linguísticos de que faz parte, ou seja, ele não tem uma função metalinguística e não se refere a porções linguísticas (frases, parágrafos, seções, textos etc.).

³⁷ “[...] the referent is a recently introduced syntactic or semantic constituent of the text itself. The discourse-deictic use is illustrated in [...] *This sentence is short*” (WOLTER, 2006, p.107).

Após finalizar a exposição dos casos de demonstrativos encontrados na literatura que fogem à organização tradicional entre dêiticos e anafóricos e compará-los com os casos de DK, podemos afirmar que os DKs são de fato um outro tipo de uso do demonstrativo distal³⁸ do PB, e não podem ser considerados nem casos de usos NDNS, nem usos emotivos, nem usos indefinidos e nem usos dêitico-discursivos. Na seção seguinte, propomos uma análise semântica para esse tipo de caso.

3. DKs: proposta de análise

Nossa proposta para os DKs, em resumo, é que eles se referem a *kinds* (espécie, tipo ou mesmo protótipos) e não a indivíduos particulares. Ou seja, ao usar uma sentença como a abaixo, mencionada em (2), primeiramente, o falante faz referência não a alguma comida caseira em particular, mas sim a um tipo particular de comida, que é comida caseira:

(32) Tô morrendo de vontade de comer **aquela comidinha caseira!**

Por isso, seu interlocutor não precisa ter em mente uma mesma comida particular, mas sim um tipo de comida particular – o falante pode pensar em arroz e feijão e o ouvinte em lasanha, por exemplo, desde que os pratos sejam caseiros, ou seja, que sejam exemplares ou instanciações do *kind* “comida caseira” relevantes para cada falante.

Consideremos novamente o exemplo dado em (4), repetido abaixo em (33):

(33) A: Sabe **aquelo lugar sossegado** para conversar?

B: Sim!

A: Conheço um barzinho perfeito no centro.

Nesse caso, nem o falante nem seu interlocutor precisam compartilhar a referência a uma mesma entidade concreta para o diálogo funcionar – na verdade, é claro que eles não fazem isso: o diálogo só faz sentido se A não se refere a nenhum lugar específico, caso contrário, a fala de B, que justamente sugere um lugar que A provavelmente não conhece, tornaria o diálogo estranho ou inadequado. O que é compartilhado por ambos os interlocutores é um tipo, espécie ou *kind*, de “lugar sossegado para conversar”. Ao compartilhar um mesmo *kind*, pode ser o caso que os falantes consideram instanciações particulares diferentes desse *kind*, que é o que vemos no diálogo em (33). Isso faz com que os DKs não preservem familiaridade no nível dos indivíduos, mas sim no nível dos *kinds*, e por isso podemos considerar DKs como definidos.

³⁸ Aspecto ligado à localização do referente indicado pelo demonstrativo em relação ao falante ou ouvinte da sentença, e.g., “aquele” indica distância, portanto, é distal.

A seguir, na seção 3.1, apresentaremos argumentos a favor da ideia de que DKs se referem a *kinds*, na seção 3.2 elaboraremos nossa proposta de análise, e, finalmente, na seção 3.3., apresentamos uma formalização para nossa análise.

3.1 DKs se referem a *kinds*

Nesta seção, apresentaremos alguns testes que fornecem evidências a favor da ideia de que DKs se referem a *kinds*. Um primeiro teste é realizar substituições que não preservam uma leitura prototípica ou estereotípica de referentes:

- (34a) **Sabe aquele cachorro bravo?** Era um desses que meu vizinho tinha.
- (34b) ?? **Sabe aquele cachorro voador?** Era um desses que meu vizinho tinha.
- (35a) **Sabe aquele professor cri-cri?** Então, o João era bem assim.
- (35b) ? **Sabe aquele professor verde?** Então, o João era bem assim.
- (36a) **Sabe aquele funcionário público incompetente?** Jair era assim.
- (36b) ? **Sabe aquele funcionário público indicado por político ateu?** Jair era assim.

(34a), (35a) e (36a) são sentenças que produzem uma leitura de *kind* e são seguidas por trechos que trazem justamente uma exemplificação ou instanciação do *kind*. A presença dos adjetivos “bravo”, “cri-cri” e “incompetente”, que podem ser modificadores de *kind*, é mais uma evidência a favor da nossa hipótese. Mais importante ainda é a impossibilidade de ocorrência das sequências em (34b), (35b) e (36b), que diferem de suas respectivas contrapartes justamente por conterem modificadores que não atuam sobre *kinds*³⁹. Finalmente, note ainda que, mesmo se substituirmos o nominal da descrição demonstrativa por um nominal que indica um referente particular determinado, como um nome próprio, a interpretação prototípica também surge na construção, e tomamos o nome próprio como representando propriedades relevantes do indivíduo denotado; considere (37):

- (37) **Sabe aquela Rainha Elisabeth**⁴⁰? Então, minha sogra é bem assim.

Considere mais um exemplo em que se modificam os determinantes da expressão sob análise:

³⁹ De fato, é possível interpretar as sentenças (34b), (35b) e (36b) como fazendo referência a *kinds* se aceitarmos que “cachorro voador”, “professor verde” e “funcionário público indicado por político ateu” denotam *kinds*, mas como se trata de entidades pouco prováveis ou possíveis, a leitura de *kind* é também pouco acessível.

⁴⁰ Em uma consulta informal, alguns falantes não consideram essa sentença completamente aceitável. Uma das explicações possíveis, indicada pelo parecerista Marcus Vinicius Lunguinho, seria o fato de estarmos diante de um nome próprio, que, na maioria dos casos, comporta-se como um designador rígido, i.e., um item que assume geralmente o valor de uma constante e não de uma variável. Ainda, conforme nos foi apontado pela parecerista Luana de Conto, o definido também pode fazer a coerção de nome para *kinds*, o que mostra, mais uma vez, que demonstrativos são definidos por esse comportamento similar.

(38a) Depois de um dia intenso de trabalho, é hora de dar **aquela relaxada**.

(38b) Depois de um dia intenso de trabalho, é hora de dar **uma relaxada**.

(38c) ?? Depois de um dia intenso de trabalho, é hora de dar **a relaxada**.

Em (38a), “aquela relaxada” não é uma expressão dêitica nem anafórica, ela é uma expressão cujo referente possui uma interpretação de *kind*, pois sua leitura envolve um conjunto de atividades que podem ser consideradas relaxantes após um dia de trabalho, mas sem determinação de uma ou outra. Cada qual, ouvinte ou falante, terá um referente em mente, sem que isso gere problemas na interpretação, o que importa é que ambos consideram o *kind* “relaxada” no fundo conversacional. Em (38b), “uma relaxada” apresenta uma leitura indefinida, como esperado para sintagmas nominais indefinidos. Por sua vez, (38c) não é adequada pois não há referente a ser retomado como sendo a relaxada em questão, e sua acomodação no fundo conversacional não é feliz; dito em outras palavras, (38c) é inadequada/infeliz justamente por se referir a uma única e determinada atividade de relaxamento, o que não é satisfeito pelo contexto de (38c).

Note ainda que há uma outra importante diferença entre (38a) e (38b): “aquela relaxada” não apenas denota no domínio dos *kinds*, mas faz referência a uma atividade de relaxamento localizada no topo de uma escala de relaxamentos possíveis. Com isso queremos dizer que, ao usarmos “aquela relaxada” não falamos de qualquer relaxada, mas sim de relaxadas, em algum sentido, boas ou exemplares; enquanto que “uma relaxada” se refere a qualquer atividade que se caracteriza como relaxar. Por ora, podemos argumentar que essa diferença entre (38a) e (38b) ocorre porque em (38a) fala-se de um conjunto de “relaxadas” específico, *i.e.*, há uma escala de relaxadas e “aquela relaxada” refere-se às relaxadas altas nessa escala (relaxadas prototípicas) e “uma relaxada” é neutra em relação a isso. Nesse sentido, temos que “aquela relaxada” (i) trata de “relaxadas-*kind*” e ainda (ii) restringe-se às relaxadas que estão no alto da escala de relaxadas.

O exemplo abaixo ilustra mais uma vez essa diferença de leitura entre o indefinido e o DK – encontramos a mesma leitura escalar em relação à interpretação do item “dormida” que compõe o DK e a neutralidade desse item acompanhando o indefinido:

(39a) Eu preciso dar **aquela dormida**.

(39b) Eu preciso dar **uma dormida**.

Em (39a) ocorre uma leitura de que não se trata de uma dormida qualquer, mas sim uma “dormida exemplar”, pois a dormida a que o falante se refere é um excelente exemplo de dormida, muito bem avaliada como dormida – que pode ser uma instância diferente para falante e ouvinte. Isso se dá pois cada um pode conceber uma instância de dormida exemplar diferente, mas para cada um deles há um *kind* de dormida, e isso satisfaz a familiaridade de “aquela”. Nesse sentido, se houver uma “escala de dormidas” em que na base há dormidas ruins e no topo há dormidas ótimas, (39a) refere-se a dormidas altas nessa escala. Desse modo, essas dormidas são *kinds* que se localizam no topo da escala,

justamente por serem “dormidas” que instanciam exemplarmente o *kind*, ou seja, têm as propriedades que caracterizam uma dormida como um ótimo exemplo de dormida para o falante.

Agora vamos verificar se em estruturas com o operador epistêmico antecedendo o DK a leitura de *kinds* posicionados no topo da escala se mantém:

(40a) Sabe **aquela dormida**? Então, tô precisando dela.

(40b) * Sabe **uma dormida**? Então, tô precisando dela⁴¹.

Tanto em (39a) quanto em (40a), respectivamente sem e com o operador epistêmico, temos o DK “aquela dormida” e em ambos os casos as sentenças são adequadas. Isso não ocorre com o indefinido, pois em (39b) temos uma sentença gramatical e em (40b), não.

O contraste entre (39a) e (40a) mostra que em “aquela dormida”: (i) “aquela” não é um indefinido, pois ele se mantém no escopo do operador epistêmico e gera sentenças adequadas ao contexto; e (ii) ele não apresenta unicidade (nem familiaridade) no nível do indivíduo. Assim, (i) e (ii) nos levam a afirmar que DKs se referem a *kinds* – “aquela dormida” em (39a) é familiar no nível dos *kinds* e por isso se combina com “sabe”. O indefinido em (40b), sob o escopo do operador epistêmico gera uma sentença inadequada, porque não atende à pressuposição de familiaridade, seja no nível de indivíduos, seja no de *kinds*. Esse é mais um argumento, junto aos já expostos, para se afirmar que DKs se referem a *kinds*. Nas seções seguintes, vamos explicitar nossa proposta de análise dos DKs.

⁴¹ Considerando as sugestões do parecerista Marcus Vinicius Lunguinho, verificamos que há um contraste entre os seguintes exemplos (construídos por ele):

(40c) Sabe **aquela dormida relaxante de fim de tarde**? Então, eu tô precisando de **uma / dela / ?ø**.

(40d) Sabe **uma dormida relaxante de fim de tarde**? Eu tô precisando de **uma / ?dela / ø**.

Entre (40c) e (40d) há uma diferença de aceitabilidade em relação à retomada do DK e da expressão indefinida: para retomar o DK, o indefinido e o pronome são gramaticais, mas não o nulo; para a retomada da expressão indefinida, o indefinido e o nulo são gramaticais, mas não o pronome. Aqui, trazemos as ideias de Cyrino, Duarte e Kato (2000), que analisam o declínio dos sujeitos nulos, de um lado, e o desenvolvimento progressivo do objeto nulo, de outro. Ao fazer isso, elas concluem que a referencialidade tem uma relevância altamente preditiva na pronominalização. As teóricas propõem a Hierarquia de Referencialidade (2000, p. 59) em que argumentos [+N, +humano] estão no extremo mais alto na hierarquia referencial, enquanto não-argumentos estão na posição mais baixa, assim, no ponto mais baixo da hierarquia estão os sujeitos não referenciais. O que é mais relevante dessa proposta é a “Hipótese do Mapeamento Implicacional” em que as autoras afirmam que **quanto mais referencial, maior a possibilidade de um pronome não-nulo**. Aqui, entendemos que “ser mais referencial” relaciona-se a uma expressão ter um único referente determinado no contexto. A partir das ideias das autoras, verificamos que o DK não pode ser retomado por um pronome nulo e uma explicação para isso seria o fato dessa expressão se referir a *kinds* e não a indivíduos particulares determinados.

3.2 Uma descrição semântica para os DKs

Uma vez que reconhecemos que DKs se referem a *kinds* e a instanciações exemplares desses *kinds*, ligadas aos participantes de uma conversação, temos que responder: (i) por que DKs se referem a *kinds*? e (ii) por que se referem a *kinds* no alto da escala?

Inicialmente, verificamos que a pressuposição de unicidade no nível dos indivíduos ordinários não é satisfeita por DKs, pois eles não exigem um único referente determinado em sua interpretação. Assim, em resumo, se alguém diz:

(41) Tô com vontade de comer **aquela torta caseira**, sabe?

Há a denotação do *kind* “torta caseira”, que é familiar e unívoco no domínio dos *kinds*, e envolve instanciações diferentes para cada indivíduo de modo que essas instanciações sejam de exemplos “exemplares” do *kind* – o falante não está com vontade de comer qualquer torta caseira, mas sim um exemplo / uma instanciação do que conta como uma ótima torta caseira para ele. O ouvinte, ao aceitar a sentença (41), considera também que há um *kind* “torta caseira”, e que há, para o ouvinte, exemplos “exemplares” que não precisam ser os mesmos do falante. Isso explica, por exemplo, o diálogo que vimos em (4) na introdução deste artigo.

Os contextos que permitem DKs são aqueles nos quais artigos definidos não cabem, como vimos nos exemplos (5b, 6b, 7b, 8b), e a explicação para tanto é que, nesses contextos, o artigo definido demanda familiaridade e unicidade com relação a indivíduos (e não a *kinds*⁴²) – como já vimos, nos usos de DKs o que temos é unicidade apenas no nível dos *kinds*, e instanciações exemplares diferentes para cada falante. Como os DKs aparecem em contextos familiares, eles não podem ser substituídos por indefinidos, como mostram os casos dos exemplos com “saber” (9c, 12c, 40b).

Finalmente, os contextos em que aparecem DKs não permitem a presença do demonstrativo “esse” (9a, 12a) pois se tem ou uma interpretação dêitica ou uma anafórica do demonstrativo que garante a unicidade do referente. Assim, com “esse” não há leitura similar a dos DKs já que esse demonstrativo se refere a uma única entidade sobre a qual se fala, pressuposta no fundo conversacional e acomodada quando o falante profere uma sentença contexto “esse”; em outras palavras, a familiaridade de “esse” tem a ver com indivíduos e não com *kinds* (como ocorre nos DKs).

Por que então “aquele(a)” como DK denota *kinds*? Porque em contextos em que se necessita de familiaridade no nível dos *kinds*, com diferentes instanciações para cada indivíduo, o único item definido que satisfaz o critério é “aquele”. O demonstrativo “esse”, provavelmente por ser proximal, gera somente interpretações dêiticas e anafóricas e o artigo definido não se refere a *kinds* nas estruturas em que temos DKs.

⁴² Certamente, definidos podem se referir a *kinds* em certos contextos, por exemplo, em casos de definidos fracos e quando combinados com predicados que se referem a *kinds* (“estar extinto”), mas note que os contextos de DKs que vimos não exemplificam esses casos, e os *kinds* denotados por descrições definidas não envolvem instanciações exemplares; é o que vemos em “A baleia está em extinção”, por exemplo.

Em relação à leitura escalar dada aos referentes dos nominais que acompanham os DKs, especificamente, que se referem ao alto da escala, como ocorre em (38a), (39a) e (40a), podemos dizer que “aquele(a)” contrasta com “o(a)” e com “um(a)”, pois, pragmaticamente, “aquele(a)” é uma expressão marcada: o item traz além de marcas de definitude, gênero e número, uma marcação de distalidade. Nesse sentido, a expressão marcada “aquele” se refere a tipos de indivíduos marcados, ou seja, a *kinds*, enquanto os demais itens se referem a indivíduos ordinários nos mesmos contextos. Por que o falante optaria por usar uma expressão que se refere a *kinds*? Justamente porque o que interessa (i) não é unicidade e familiaridade no nível dos indivíduos ordinários, e (ii) não é qualquer instanciação do *kind* referido, mas sim instanciações que, para um dado indivíduo, são exemplares, i.e., estão posicionadas no alto na escala de bons exemplos do *kind* relevante.

Sendo assim, o falante opta por “aquele” para ser o mais informativo possível, indicando que se refere a *kinds* e não a indivíduos, e o mais específico possível dentro desse conjunto, indicando *kinds* altos numa escala de relevância. Dessa forma, ele se refere a um protótipo, ou seja, a um exemplo exemplar do referente, e não a um indivíduo específico.

Nesse contexto, lançamos mão da ideia de “divisão de trabalho pragmático” (HORN, 1984, 1989, 1996; LEVINSON, 2000;), segundo a qual expressões mais simples e com menos restrições se referem a entidades e situações mais simples e comuns; no caso, contrastamos “aquele(a)” com “o(a)” e “esse(a)” por “aquele(a)”, como veremos, ter mais restrições que os outros dois⁴³. Assim, ao usar um DK, o falante indica que não se trata de algo comum ou ordinário, mas sim de um *kind* e, ainda, de suas instanciações mais exemplares, segundo a avaliação de cada falante. Em resumo, usamos uma expressão definida mais marcada (“aquele”) para falarmos de entidades mais marcadas (*kinds*), e o resultado disso é entretermos instanciações exemplares dos *kinds* referidos – se quiséssemos falar de indivíduos diferentes, usaríamos indefinidos; se quiséssemos falar de unicidade no nível do indivíduo, usaríamos artigos definidos ou o demonstrativo “esse(a)”; e se quiséssemos nos referir a *kinds* sem levar em conta instanciações “exemplares”, usaríamos artigos definidos ou mesmo nomes nus que se referem a *kinds*.

Nosso próximo passo é capturar formalmente nossa descrição dos DKs, e para tanto precisamos lançar mão de uma teoria sobre demonstrativos. É isso o que faremos na seção abaixo.

3.3 Rumo a uma caracterização formal para DKs

Devido à sua abrangência, pois dá conta tanto de usos dêiticos quanto anafóricos e catafóricos de demonstrativos, vamos adotar a teoria de definidos e demonstrativos proposta por Wolter (2006).

Em sua teoria, Wolter (2006) relaciona artigos definidos e demonstrativos sob a rubrica da definitude e, usando uma semântica de situações, propõe que a diferença entre artigos e demonstrativos está justamente na situação em que cada um deles vai encontrar seu referente. Segundo a autora, artigos definidos encontram seu referente na mesma situação em que os predicados verbais das

⁴³ Essas diferenças serão detalhadas logo adiante quanto apresentarmos uma teoria sobre demonstrativos e definidos.

sentenças são avaliados, chamada de situação máxima ou *default* de avaliação, ao passo que demonstrativos encontram seu referente em situação menores, partes próprias das situações maximais, chamadas de situação *não-default*. Em suma, artigos pressupõem familiaridade e unicidade em situações *default* e demonstrativos carregam as mesmas pressuposições em situações *não-default*. Sendo assim, a representação das entradas lexicais que a autora dá para os itens é como abaixo:

[the_n]: $\lambda P: P(s_n)$ é um conjunto unitário. Se definido, ele denota $\iota x:P(x)(s_n)$. (WOLTER, 2006, p. 101).

[this_n]: $\lambda P: P(s_n)$ é um conjunto unitário e s_n é uma situação *não-default* e $\iota x:P(x)(s_n)$ está próximo ao falante. Se definido, ele denota $\iota x:P(x)(s_n)$. (WOLTER, 2006, p. 109).

[that_n]: $\lambda P: P(s_n)$ é um conjunto unitário e s_n é uma situação *não-default*. Se definido, ele denota $\iota x:P(x)(s_n)$. (WOLTER, 2006, p. 102).

Ao observarmos as entradas lexicais propostas por Wolter (2006), nota-se que a autora expõe uma hierarquia de marcação dos determinantes definidos do inglês em que: *this* é o mais marcado, pois carrega três pressuposições ou traços semânticos; *that* carrega duas; e o artigo definido somente uma. Essas entradas lexicais se ajustam às características do inglês em que o demonstrativo marcado é o *this* que apresenta adicionalmente, à pressuposição de unicidade e à pressuposição de avaliação na situação *não-default*, uma pressuposição de proximidade do falante, pois em inglês “[...] *that* [é] não-marcado para distância do falante”⁴⁴ (WOLTER, 2006, p. 102, tradução nossa). No entanto, no PB, argumentaremos que “aquele” é o item marcado, pois deve satisfazer às pressuposições de unicidade, de avaliação na situação *não-default* e de distalidade. Assim, na entrada lexical de “aquele(a)” no PB, se adicionaria uma pressuposição de distalidade⁴⁵ e seria como segue:

(42) [aquele(a)_n]: $\lambda P: P(s_n)$ é um conjunto unitário, s_n é uma situação *não-default*, e $\iota x:P(x)(s_n)$ está distante do falante. Se definido, ele denota $\iota x:P(x)(s_n)$.

Wolter (2006), entre vários outros argumentos, justifica a ideia de diferentes tipos de situação para resolver definidos e demonstrativos com base em contrastes como o encontrado entre (43) e (44):

⁴⁴ “[...] *that* [is] unmarked for distance from the speaker”.

⁴⁵ No PB o sistema ternário de demonstrativos (*este/esse/aquele*) vem sendo simplificado e, assim, substituído por um sistema binário (“*este-esse/aquele*”) conforme Roncarati (2003), Pavani (1987) e Câmara Jr. (1970). Além disso, Pavani (1987, p. 86) indica que há certa prevalência do uso de “*esse*” sobre “*este*”: “[...] das 954 ocorrências destas duas formas demonstrativas, 799 são de *esse* (83, 75%) e apenas 155 são de *este* (16, 25%). É a vitória de *esse* sobre *este* que se prenuncia em nossos dados”. Nesse contexto, assumimos que o PB se caracteriza por um sistema demonstrativo binário composto por “*esse*” e “*aquele*”, e seus respectivos paradigmas. Nesse sentido, “*aquele*” é a forma marcada desse sistema, pois possui uma pressuposição adicional em sua entrada lexical – a de distalidade. Além disso, a ocorrência de “*aquele*” se dá em contextos mais restritos, do que “*esse*”, i.e., a forma menos marcada “*esse*” é a preferida. Por exemplo, em usos dêiticos, “*aquele*” é usado somente nos casos em que o objeto apontado está distante do falante/ouvinte, enquanto que “*esse*” pode ser usado quando o objeto apontado está ou próximo do falante, ou próximo ao ouvinte, ou próximo ao falante e ao ouvinte, simultaneamente.

(43a) **Esse quadro** está empoeirado (apontando para um quadro, entre outros em uma galeria).

(43b) estar-empoeirado ($[\text{ix. quadro } (x, s_1)], s_0$)

Informalmente, “quadro” é avaliado em s_1 , pois essa é a situação não-*default* e o predicado “estar-empoeirado” é avaliado na situação *default* (s_0), i.e., a descrição demonstrativa é avaliada numa situação diferente da situação em que o predicado da sentença é avaliado. Desse modo, (43a) é verdadeira se e somente se houver um único quadro na subsituação (s_1) da situação do proferimento (maximal) que está empoeirado em s_0 . Num uso adequado de (43), há um apontamento por parte do falante, que é justamente o que estabelecerá a subsituação na qual “quadro” será avaliado. Sendo assim, nessas teorias, o papel dos apontamentos é estabelecer as subsituações relevantes para os usos dêiticos dos demonstrativos.

Vejamos agora o caso de (44), com uma descrição definida:

(44a) **O quadro** está empoeirado (há um único quadro na galeria de arte)

(44b) estar-empoeirado ($[\text{ix. quadro } (x, s_0)], s_0$)

Nesse caso, o nominal “quadro” é avaliado na mesma situação (s_0) do predicado principal da sentença. Assim, (44a) é verdadeira se e somente se houver um único quadro x em s_0 e x estiver empoeirado em s_0 (situação do proferimento). Note ainda que uma sentença como (44a) é ruim se dita numa galeria de arte com vários quadros – a unicidade não está garantida, nesse caso, em s_0 .

Como o demonstrativo e o artigo devem satisfazer a pressuposição de unicidade, “o/esse/aquele quadro” denota um conjunto unitário relativo ao valor do parâmetro situacional que ele carrega, a depender do seu determinante – o demonstrativo muda o parâmetro de situação do seu nominal em relação ao parâmetro do predicado principal da sentença, mas o definido não. Em (43a), o valor do parâmetro de situação é estabelecido pelo apontamento para o quadro. Desse modo, gera-se uma subsituação (contida na situação *default*) em que há somente um quadro. Assim, o conteúdo descritivo da descrição demonstrativa é relativizado a uma situação não-*default* e a referência do demonstrativo é determinada com sucesso. Em (44a), por sua vez, só é aceitável num contexto em que há somente um quadro, pois o conteúdo descritivo que acompanha o artigo só pode ser avaliado numa situação *default*. Como no contexto extralinguístico do enunciado há somente um quadro, o valor semântico do definido também é determinado com sucesso.

Vejamos como essa teoria analisa os demonstrativos com usos anafóricos e com usos dêiticos. Os usos dêiticos ocorrem acompanhados de apontamento ou outro aspecto físico que colabora para a determinação do referente do demonstrativo; desse modo, um aspecto extralinguístico conta para a interpretação do demonstrativo. Por exemplo, na seguinte sentença temos:

(45a) **Esse carro** (apontando) está com o pneu furado.

(45b) estar-com-pneu-furado ($[\text{ix.carro } (x, s_1)] s_0$)

Em prosa: a sentença (45a) é verdadeira se e somente se existir um único referente que satisfaz o predicado “carro” na subsituação (s_1) e se ele estiver com o pneu furado na situação de proferimento (s_0).

Em (45), a descrição demonstrativa “esse carro” se refere a um carro particular, determinado naquela situação a partir da colaboração do conteúdo descritivo (“carro”) do demonstrativo mais o apontamento realizado. Segundo Wolter (2006), o apontamento contribui na determinação do referente, pois é responsável por gerar uma subsituação, no interior da situação de proferimento, em que há somente um referente para o item demonstrativo.

Nos usos anafóricos, por sua vez, os demonstrativos se referem a algum elemento do contexto linguístico, por exemplo:

(46a) Maria viu **um carro amarelo**. **Esse carro**_i estava abandonado.

(46b) estar-abandonado ([ix.carro (x, s_1)] s_0)

Em prosa: (46a) é verdadeira se e somente se houver somente um referente que satisfaz o predicado “carro” na subsituação saliente (s_1) e se ele estiver abandonado na situação de proferimento (s_0).

Em (46a), “esse carro” refere-se ao carro mencionado na sentença anterior – “Maria viu um carro amarelo”. Conforme Wolter (2006), a situação em que o nominal da descrição demonstrativa está sendo avaliado é uma substituição (situação saliente⁴⁶ devido à evocação recente) da situação de proferimento (s_0) da sentença contendo o demonstrativo.

No entanto, os DKs, além de não terem sido tratados por Wolter (2006), como viemos apontando ao longo do artigo, não são nem dêiticos nem anafóricos, e também não se caracterizam como algum dos casos citados na seção anterior – emotivos, indefinidos, NDNS e dêitico-discursivos – que já foram apontados na literatura.

Ainda assim, a nossa proposta é que os fatos de (i) os demonstrativos encontrarem seus referentes em subsituações e (ii) “aquele(a)” ser distal possibilitam explicar o contraste com o artigo definido e com “esse” que, por ser proximal, encontra seu referente no domínio dos indivíduos ordinários, como via dêixis ou via anáfora.

Um ponto importante é que nos usos dos DKs também não há subsituação sendo instaurada no contexto de fala, o que levaria a uma falha no uso do demonstrativo. Porém, é justamente por conta dessa aparente inconsistência que a busca por referentes se dá no domínio dos *kinds*. Nosso raciocínio, baseado no fato de que demonstrativos buscam referentes em situações diferentes da situação máxima, pode ser descrito nos seguintes passos:

(1) o falante usa uma expressão definida distal, que não encontra seu referente na situação máxima de fala, mas sim em uma subsituação;

⁴⁶ Segundo Wolter (2006, p. 76), “Demonstrative descriptions refer uniquely relative to a salient situation distinct from the discourse context”.

(2) não há apontamentos para indicar qual é a subsituação relevante e não se trata de um uso anafórico;

(3) portanto, a restrição de subsituação, por não pode ser satisfeita canonicamente, é entendida como uma busca por indivíduos familiares e únicos não no domínio dos indivíduos ordinários, que pode ser tomado como um domínio *default* de indivíduos, mas sim no domínio dos *kinds*, que pode ser análogo, com relação aos tipos de indivíduos, a indivíduos não-*default* – o uso de uma expressão marcada indica situações, referentes marcados, segundo o princípio da “divisão do trabalho pragmático”;

(4) ao se referir a *kinds*, os falantes consideram também suas possíveis instanciações e, como a referência a *kinds* não foi feita de modo canônico/ordinário, usando, por exemplo, um definido que se refere a *kinds*, a ideia é que não se trata de uma referência a quaisquer instanciações desses *kinds*, mas sim àquelas que melhor exemplificam⁴⁷ o *kind* de acordo com cada falante. Além disso, por tratar-se de um termo definido, a unicidade está garantida no nível do *kind*, mas não sua instanciação.

Retomando a nossa adaptação em (42) para o PB da formalização oferecida por Wolter (2006) para demonstrativos distais,

(42) [aquele(a)_n]: $\lambda P: P(s_n)$ é um conjunto unitário, s_n é uma situação não-*default*, e $\iota x:P(x)(s_n)$ está distante do falante. Se definido, ele denota $\iota x:P(x)(s_n)$.

Podemos analisar (47) como abaixo:

(47a) Quando chegar as férias, [Maria vai fazer [aquela festa]]⁴⁸.

(47b) [Maria vai fazer [aquela festa]_{s1}]_{s0}

→ falha em estabelecer s_1

(47c) (vai-fazer ($[\iota x.festa_k(x)]$), (m, s_0))

Aqui, ocorre uma falha para determinar uma subsituação distal (s_1), pois não há apontamento (uso dêitico), nem expressão sendo retomada (uso anafórico) no contexto para que a subsituação seja determinada – seria o passo (3) do raciocínio acima. Mas considerando o falante cooperativo, o ouvinte leva em conta a restrição de subsituação no domínio de referentes considerado que se trata do domínio de *kinds*. Assim “festa” é agora “festa_k” (ou seja, denota o *kind* “festa”). A partir disso, novamente utilizando-se de princípios pragmáticos de cooperação e as máximas griceanas (GRICE, 1975, 1957), o falante em seu proferimento fornecerá somente informações relevantes e a quantidade de informação

⁴⁷ Simplificando as coisas, se for algo positivo, a instanciação é muito positiva (“O João sabe fazer aquela comida caseira”), e se for negativo, a instanciação é muito negativa (“O João tem que resenhar aquele texto chato”).

⁴⁸ Note que, mesmo sendo Maria a pessoa a dar uma festa, o que importa nesse caso é o que o falante considera que seja uma boa festa. Por exemplo, se Maria acha que uma festa a fantasia é um ótimo exemplo de instanciação de “festa” e o falante acha que é uma *rave*, ao proferir (47a), o que conta são *raves*.

adequada para seus propósitos conversacionais. A partir disso, o ouvinte, ao se deparar com um demonstrativo denotando *kinds*, ao invés de um elemento como um definido (que é menos marcado), inferirá que não se trata de *kinds* comuns/ordinárias de festa, e sim os *kinds* mais altos na escala, isto, os tipos de festa mais altos na escala de relevância, por isso o falante usa uma expressão mais marcada.

Nossa análise de (47b) prevê que o falante se refere a instâncias de festa que exemplificam positivamente o que ele considera uma boa festa, ou seja, o falante de (47b) não fala de uma única festa em particular, mas de um tipo de festa que, de acordo com ele, são festas boas.

Em prosa: (47a) é verdadeira se e somente se houver um tipo de festa, festa_k, que satisfaz a escala de melhores festas para o falante e se Maria planejar fazer uma instância exemplar de festa_k para o falante na situação de proferimento (s₀).

Vamos considerar outro exemplo de DK:

(48a) Ontem, [o cachorro fez [**aquela bagunça**]]

(48b) [O cachorro fez [**aquela bagunça**]_{s1}]_{s0}

→ falha em estabelecer s₁

(48c) (fazer ([ix. bagunça (x)], (c, s₀))

Em (48a), temos o mesmo tipo de análise: o uso de uma expressão marcada, a falha em determinar uma substituição, a consideração do domínio de *kinds*, e de exemplos “exemplares” de instâncias desses *kinds*. No caso, como se trata de bagunças, os melhores exemplos serão grandes bagunças. Ou seja, em (48b) o falante se refere a instâncias de bagunça que exemplificam o que ele considera uma grande bagunça, ele não fala de uma determinada bagunça em particular, mas de um tipo de bagunça que, de acordo com ele, é uma bagunça feita por cachorros e que mais gera transtornos: espalhar o lixo pelo quintal, comer os sapatos, rasgar o sofá etc.

Isso posto, passemos às considerações finais e a alguns dos problemas em aberto.

3.4 Considerações finais

Como vimos os DKs da forma “aquele(a) N” não são dêiticos nem anafóricos nos termos tradicionais. Além disso, eles não se enquadram nos casos de demonstrativos diferenciados já estudados na literatura: NDNS, emotivos, indefinidos e dêitico-discursivos, como vemos pelo exemplo de DK em (49), re-apresentado abaixo:

(49) Hoje vou fazer **aquela limpeza** no quarto.

Segundo Wolter (2006) e King (2001), os usos NDNS são usos em que há conteúdo descritivo adicional, que não é o caso em (49), por isso DKs não são casos de NDNS nos moldes apresentados pelos autores citados. Os usos emotivos, conforme Wolter (2006) e Lakoff (1974), são usos que se referem a entidades únicas e veiculam uma emoção ou sentimento compartilhado pelo falante e ouvinte, o que

também não é o caso com o exemplo em (49). Nos usos indefinidos, conforme Wolter (2006), Abbott (2010), Prince (1981), o demonstrativo tem um referente particular determinado, que é conhecido inicialmente somente pelo falante/escritor. No entanto em (49), a descrição demonstrativa não possui um referente particular determinado, o que impossibilita um uso indefinido. Finalmente, DKs não são instâncias de usos dêitico-discursivos, apontados por Roberts (2002), pois os demonstrativos não fazem menção a elementos linguísticos de que fazem parte, ou seja, não tem uma função metalinguística e não se referem a porções linguísticas (frases, parágrafos, seções, textos etc.).

Os DKs, como (49), são usos de demonstrativos do PB que até então não foram descritos na literatura e que denotam *kinds*. No caso de (49), “aquela limpeza” se refere a tipos de limpeza e não a uma limpeza específica, particular e compartilhada entre falante e ouvinte. Assim, para o falante, o DK poderia ser uma limpeza em que ele arruma a cama e junta as roupas do chão, enquanto que para o ouvinte pode ser uma limpeza que inclui limpar o chão, arrumar o guarda-roupas e lavar as paredes do quarto. Seja como for, o DK “aquela limpeza” indica uma limpeza alta na escala de limpezas, isto é, uma das limpezas considerada muito bem-feitas pelo falante e/ou pelo ouvinte.

Nossa análise deixa alguns problemas em aberto, que merecem, a nosso ver, uma investigação futura. Entre eles, podemos citar a comparação dos DKs com determinantes como “aquele(a)” e “aquilo” em que não se tem a estrutura “demonstrativo+NP” e sim “demonstrativo+CP”, além de uma exploração mais aprofundada dos mecanismos pragmáticos envolvidos e da computação das preferências dos participantes sobre o que é alto nas escalas consideradas. Outras estruturas importantes a serem analisadas em trabalhos futuros são: as de forma “um NP daqueles”, como em “Hoje vai ter uma festa daquelas” ou “João vai ter chique daqueles” que aparentemente compartilham de várias das propriedades que propomos aqui para DKs⁴⁹; os demonstrativos “aquele” e “aquela” inseridos em construções com o verbo leve “dar” e nominalizações em “-ada” como em “É hora de dar aquela repaginada no visual” e a sua interação com as propriedades dos DKs do PB; e, também, a interação dos DKs com nominais no diminutivo e no aumentativo⁵⁰. Seja como for, com este artigo esperamos ter contribuído para entender um fenômeno ainda não explorado no PB e também para uma maior compreensão da semântica dos demonstrativos.

Agradecimentos

Agradecemos à leitura atenta do manuscrito realizada por Maurício Sartori Resende e às relevantes contribuições dos pareceristas da Revista da ABRALIN, Luana de Conto e Marcus Vinicius Lunguinho, à versão final.

⁴⁹ Sugestão da parecerista Luana de Conto.

⁵⁰ Sugestões do parecerista Marcus Vinicius Lunguinho.

REFERÊNCIAS

- LEVINSON, S. C. Deixis In.: *The Handbook of Pragmatics*. Horn, Laurence R. and Gregory Ward (eds). Blackwell Publishing, 2005.
- LEVINSON, S. C. *Pragmatics*. Cambridge: Cambridge University Press, 2008 [1983].
- ABBOTT, Barbara. *Reference*. Oxford: Oxford University Press. 2010.
- BASSO, R. M. *A Semântica das Relações Anafóricas entre Eventos*. Tese (Doutorado). Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2009.
- BASSO, R. M.; VOGT, D. R. Weak demonstratives: are there any? *Revista da Abralín*, 2013.
- CÂMARA JR., J. M. *Estrutura da Língua Portuguesa*. Petrópolis: Vozes, 1970.
- DIESSEL, H. *Demonstratives: Form, Function and Grammaticalization*. Amsterdam: Benjamins. 1999.
- CUNHA, M. A. F.; COSTA, M. A.; CEZARIO, M. M. Pressupostos teóricos fundamentais. In.: CUNHA, M. A. F.; OLIVEIRA, M. R.; MARTELOTTA, M. E. (Orgs.) *Linguística Funcional: teoria e prática*. 2015, p. 21-47.
- CYRINO, S. M. L.; DUARTE, M. E. L.; KATO, M. A. Visible subjects and invisible clitics in Brazilian Portuguese. In: KATO, M.A.; NEGRÃO, E.V. (Eds.) *Brazilian Portuguese and the Null Subject Parameter*. Frankfurt: Vervuert-Iberoamericana. 2000, p. 55-104.
- ELBOURNE, P. D. *Situations and Individuals*. Cambridge, MA: MIT Press, 2005. 248pp.
- ELBOURNE, P. D. Demonstratives as individual concepts. *Linguistics and Philosophy*, n. 31, p. 409 -466, 2008.
- GRICE, H.P. Meaning. *Philosophical Review*, v. 66, p. 377-388, 1957.
- GRICE, H.P. Logic and Conversation. In.: COLE, P.; MORGAN, J. (ed.). *Pragmatics (Syntax and Semantics)*. Nova York: Academic Press, 1975.
- HEIM, I. *The Semantics of Definite and Indefinite Noun Phrases*. Doctoral dissertation. Amherst: University of Massachusetts, 1982.
- HEIM, I. E-type pronouns and donkey anaphora. *Linguistics and Philosophy*, v. 13, p. 137-177, 1990.
- HEIM, I.; KRATZER, A. *Semantics in Generative Grammar*. Oxford: Blackwell Publishers, 1998.
- HORN, L.R.: Toward a new taxonomy for pragmatic inference: Q-based and R-based implicature. In.: SCHIFFRIN, D. (ed.). *Meaning, Form, and Use in Context: Linguistic Applications*. Washington: Georgetown University Press, p. 11-42, 1984.
- HORN, L.R.: *A Natural History of Negation*. Chicago: University of Chicago Press, 1989.
- HORN, L.R.: Presupposition and implicature. In.: LAPPIN, S. (ed.). *The Handbook of Contemporary Semantic Theory*. Blackwell Publishers, Oxford, 1996, p. 299-319.
- KING, J. C. *Complex Demonstratives: a quantificational account*. Cambridge: MIT Press, 2001.
- KRATZER, A. An investigation of the lumps of thought. *Linguistics and Philosophy*, v. 12, p. 607-653, 1989.

LAKOFF, R. *Remarks on this and that*. CLS 10, p.345-356, 1974.

LEVINSON, S. C. *Presumptive Meanings: the Theory of Generalized Conversational Implicature*. Cambridge: MIT Press, 2000.

LEVINSON, S. Dêixis. In: HORN, L. R.; WARD, G.(ed.) *The Handbook of Pragmatics*. Oxford: Blackwell Publishing Ltd. 2004, p.97-121.

NUNBERG, G. Indexicality and deixis. *Linguistics and Philosophy*, n. 16, p. 01-43, 1993.

NUNBERG, G. Descriptive indexicals and indexical descriptions. In: REIMER, M.; BEZUIDENHOUT, A. (Ed.). *Descriptions and beyond*. Oxford: Clarendon Press, 2004, p. 261-279.

PAVANI, S. *Os demonstrativos este, esse e aquele no português culto de São Paulo*. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade de Campinas, Campinas, 1987.

PRINCE, E. F. On the inferencing of indefinite-this NPs. In: JOSHI, A. K.; WEBBER, B. L.; SAG, I. A. (ed.) *Elements of discourse understanding*. Cambridge: Cambridge, 1981, p. 231-250.

ROBERTS, C. Demonstratives as definites. In: DEEMTER, K. van; KIBBLE, R. (Ed.). *Information Sharing*. Stanford, CA: CSLI Press, 2002.

ROBERTS, C. Uniqueness in definite noun phrases. *Linguistics and Philosophy*, v. 26, p. 287-350, 2003.

RONCARATI, C. Os mostrativos na variedade carioca falada. In: PAIVA, M. da C.; DUARTE, M. E. L. (orgs.). *Mudança linguística em tempo real*. Rio de Janeiro: Contra Capa Liv., 2003.

TEIXEIRA, L. R. *Os demonstrativos: uma análise semântico-pragmática baseada em situações*. 2017.153f. Tese (doutorado) - UFRGS, Instituto de Letras, Porto Alegre. 2017.

VOGT, D. R. *Por um tratamento semântico das descrições demonstrativas*. Dissertação (Mestrado): Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis. 2013.

WOLTER, L. K. *That's That: The Semantics and Pragmatics of Demonstrative Noun Phrases*. Santa Cruz: University of California, 2006. Doctoral dissertation.